



Cortejo em Covide animou festa dos emigrantes

Um belo cortejo sobre motivos do trabalho rural animou a Festa do Emigrante, levada a efeito na freguesia de Covide. O cortejo destinou-se ainda a recolher fundos para as obras da igreja daquela paróquia.

Pág. 7



Centro paroquial reiniciou actividade no ano lectivo 91/92



As crianças voltaram a animar o Centro Social e Paroquial de Covide — já que ali, após umas merecidas férias, se reiniciaram as actividades relativas ao presente ano lectivo.

E a festa do «regresso» foi maior porque ali chegaram crianças de várias freguesias do concelho

Pág. 7

ALTAMENTE CONTAGIOSA

Gripe: uma doença que parece inofensiva mas pode matar

Pág. 12

BOURO - SANTA MARIA

Cerca de 2.500 pessoas visitaram o Convento entre Julho e Setembro

Pág. 7

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO
Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR
 Dr. Abílio Peixoto

DIRECTOR-ADJUNTO
 Dr. Francisco Alves

ADMINISTRADOR
 Damião Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Santuário de Nossa Senhora da Abadia
 Santa Maria de Bouro
 4720 AMARES
 Telefone (053) 37197

PROPRIETÁRIO
 Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453 / 86

COMPOSTO E IMPRESSO EM:
 COMPOLITO — Serviços de Artes Gráficas, Lda.
 Rua Nova de Santa Cruz, n.º 70
 4700 BRAGA — Telef. 676857

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00
 NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL:
 3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.
 Faça dos seus Amigos assinantes
 de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,
 devidamente preenchido, este cupão.

NOME: _____

MORADA: _____

Assinatura Anual (1.200\$00)
 Assinatura bi-anual (2.400\$00)
 Assinatura de Benfeitor ()
 Renovação da Assinatura (Anos:)

**Nas páginas
 deste jornal
 o seu nome
 nunca fica mal...**

**Por isso anuncie
 n' A VOZ DA ABADIA**

«Salvem a nossa Língua!»

Na sua edição de 8/8/1991 este jornal publicava um artigo de Jorge Tinoco — Salvem a nossa Língua —, transcrito do «Correio do Minho» de 29/7/91.

Concordo plenamente com o pensamento do A. mas, lido nas entrelinhas, a ideia com que fiquei foi esta: toda a gente acha que qualquer um é obrigado a saber escrever correctamente. Se não sabe, é ridicularizado, até por aqueles que sabem tanto como ele.

Ora escrever é uma técnica. Como tal, exige que se conheçam as normas de execução. E não se pode exigir que alguém execute uma tarefa com perfeição, se desconhece as regras. Ninguém é obrigado a saber, se não lhe ensinaram ou não aprendeu.

Ninguém se deve rir de mim se o meu carro tem uma avaria e eu não o sei reparar. Pois se não sou mecânico... vou é procurar uma oficina. Se não sei, recorro a alguém que saiba. Não devo é meter-me a aprendiz de feiticeiro, a fazer aquilo para que não estou habilitado.

E aí estou inteiramente de acordo com Jorge Tinoco. Se alguém não sabe manejar a língua, a escrita, peça a a outrém que lho faça. A mania de muita gente é convencer-se que sabe rabiscar tudo, mesmo que só tenha frequentado a escolinha. Resultado: erros de meia-noite. Quantos disparates tenho ouvido em locutores da rádio e TV! E erros ortográficos em jornais! E esses tinham obrigação de saber. Como podemos pois, exigir correcção em pessoas não habilitadas? Não têm culpa. Passam a tê-la é quando se metem a fazer aquilo que não sabem.

O mal é que, neste campo, convencem-se que sabem escrever. Não admira. Estou a lembrar-me duma passagem dum livro do mestre Aquilino Ribeiro: «Todos se convencem que podem ser escritores, uma vez que a matéria-prima é o lápis e o papel!»...

J.F.M.

OPINIÃO

Carta aberta aos Presidentes da Junta de Caldelas e da Câmara de Amares

Exmos. Snrs.:

Há cerca de vinte anos que frequento as termas de Caldelas tal como milhares de pessoas, para os vários tratamentos, incluindo o das águas minero-medicinais. Naturalmente que toda a gente reconhece o sacrifício com que os passados fizeram o que se podia chamar a sala de visitas do concelho de Amares, hoje mais parecendo um a pocilga. Não temos procuração de ninguém para este efeito mas, achamos que é nosso dever manifestar o descontentamento dos que sofrem as consequências de nada ter sido feito para a conservação do património em referência, para o que vamos enumerar algumas da mais premente necessidade:

1.ª A estrada que liga o centro ao cemitério, que então foi pavimentada com calçada à Portuguesa, tem covas por abatimento com cerca de meio metro de fundo e que tantas são, devia ser pavimentada a cubos sobre uma boa caixa de areia grossa, limpando, gateando e caiando os muros e assim na facha da esquerda quem entra, cabiam mais de meio cento de carros mais à sombra, aliviando o trânsito e manobras dos autocarros de passageiros.

2.ª A calçada à Portuguesa dessa rua, agradeciámo-nos os feirantes e comerciantes do largo junto às termas que está em terra batida e quando chove ou faz vento sujam os panos de linho e colchas, etc., dos pobres coitados que pagam e estão mal servidos.

3.ª Pavimentar a cubos o largo da frente ao novo talho de caldelas, pois como está é uma vergonha: torto, cheio de covas e irregularidades, e além disso os que tomam café na esplanada do café Avenida, ao mais pequeno ar de vento, para além do açúcar que deitam no café, com a poeira que levanta, parecem em vez de café, papas de sarrabulho. As barras que existem nesse largo são inestéticas e anti-higiénicas: deviam sair dali imediatamente, fazendo um corte em redondo no canto norte-nascente, para aumentar a área à manobra dos autocarros.

4.ª Levantar todas as guias de pedra e reassentá-las em condições, respeitando um novo treinel, levantando todo o basalto que sofre de mau assentamento inicial (cimento) e assentá-lo de novo, completando os passeios que faltam, pois as pessoas de idade que ora por ver mal ora por usar óculos bifocais, não podem suportar as covas e irregularidades existentes.

5.ª Cobrir o piso das estradas com novo tapete de asfalto, pelo menos desde o entroncamento da estrada que liga a Terras de Bouro (entrada) até às piscinas, incluindo as valetas, para ser mais fácil a limpeza, e



Igreja Matriz de Caldelas

de maneira que as guias só fiquem acima do dito tapete nada mais de doze centímetros. É que o piso que está, abateu e quando as pessoas lavam as suas esplanadas ou passeios, a água escorre para o meio da estrada, por ter havido abatimento e os passantes com os carros, dão banho aos aqistas antes de chegar às termas.

6.ª Houve mesmo um grupo de pessoas que chegou a falar em abordar o Presidente da Junta, para o efeito, e logo um indivíduo lembrou que no dia 03/08/91 o Rancho Folclórico de Lago actuava às 21 horas no centro de Caldelas e então a Junta estaria ali e era a melhor ocasião mas bem se enganaram, que o rancho actuou cerca de vinte minutos a todo o gás, desaparecendo de seguida para actuar em outro lado.

Assim ninguém de Caldelas se dignou a dialogar com o público que bem merecia mais carinho.

7.ª Para terminarmos, perguntamos onde é aplicada a verba do turismo que os visitantes pagam? E os comerciantes locais e ambulantes, para onde vai a sua receita? Quando é que se acaba com o turismo selvagem em casas sem condições, e quem é que se interessa por saber, porque é que os grandes hotéis e restaurantes estão às moscas?

Esperamos que o nosso director mande um jornal para os Presidente para ver se no próximo ano Caldelas se apresenta nas condições a quem tem direito.

Assinante devidamente identificado

PELO SANTUÁRIO



«É impossível que um homem extraordinariamente bom seja extraordinariamente rico».

Platão

QUANDO NOSSA SENHORA FALA... (27)

Nossa Senhora do Carmo de Garabandal — Espanha (1961)

Por: MONSENHOR AMÉRICO FERREIRA ALVÉS



Garabandal é uma aldeia minúscula na serra cantábrica, situada 80 quilómetros para Sul de Santander. O povo herdou uma religiosidade firme, com terço diário.

Em 18 de Junho de 1961, brincavam quatro meninas na vereda pedregosa: Conchita, Maria Dolores, Jacinta e Maria Cruz. Nenhum parentesco entre si. Naquela tardinha, duas delas foram às maçãs dum vizinho, logo limitadas pelo outro par. As quatro comeram do «fruto proibido», pois era roubado...

Nisto, ouviu-se um forte trovão. Tomaram-no por castigo e retiraram-se. Mais adiante, já brincavam outra vez.

Mas do trovão chegava agora um eco tremendo: Conchita vê, de súbito, uma figura bela e resplandecente que a deixa absorta e a faz exclamar, de mãos erguidas: «*Ai! Ai! Ai!*».

Pensaram as companheiras que foi uma síncope e já queriam chamar-lhe a mãe, quando, pondo os olhos na aparição em êxtase: «*Oh! O Anjo!*». Mas, de repente, o personagem desapareceu.

Era, evidentemente, um mensageiro que vinha prepará-las para fenómenos mais grandiosos. O arrebatamento interior fê-las desabafar. Contaram tudo: o roubo das maçãs, o trovão, a visão do Anjo. E sentiram as conse-

quências: perguntas sem fim e dúvidas escarninhas. Uma das primeiras foi a professora, que, no entanto, perante a convicção unânime das quatro, incapazes de se contradizerem, acabou por acreditar.

O «boato correu célebre pela aldeia e chegou ao pároco, D. Valentin, de pé atrás, foi-lhes dizendo: «*Se vos aparecer de novo, perguntai-lhe quem é e o que quer*». No dia seguinte diante dos nove pinheiros, que marcam bem o lugar e haviam de constituir o fundo da cena, lá estão as quatro com alguns curiosos. Começam a rezar... Viram-se, no entanto, frustradas e, pelos outros, cobertas de ridículo. As quatro, porém, cada uma de per si, sentiam a confiança íntima de que o Anjo havia de voltar.

No dia 20, ei-las nos Pinheiros. Rezam... auscultam... esperam... E a cena prossegue, agora inteiramente nova: uma luz muito forte as envolve, tolhendo-as de medo, ao ponto de gritarem. Mas tudo ficou por ali, sem vozes nem personagem. Permaneram, todavia, convictas de futuras novidades.

Quando, no dia seguinte, após longa espera, já principiavam, os escárnios, os desprezos e a debandada, vêm-se, todas à uma, encantadas por uma força interior e fixam alguma coisa de sublime. A transfiguração daque-

les rostos bastou para convencer o povo do mistério. Ainda desta vez o Anjo não falou, a não ser nas transparências fisionómicas.

O rumor do acontecimento invadiu as redondezas, a ponto de a multidão subir rapidamente para 500 e para 3000 pessoas. O próprio D. Valentin presenciou, assombrado, o êxtase das crianças. Então chamou-as à sacristia e interrogou-as minuciosamente, em separado. Cá fora, a multidão, ansiava pela sentença do pastor, tido por todos como bom e atinado. Ao sair com as meninas, D. Valentin declarou apenas: «*Até agora, tudo parece de Deus*».

Decorridos já seis dias, o Anjo mantinha um silêncio pertinaz, a tal ponto que muitos murmuravam desilusão.

No sétimo dia, durante o profundo êxtase das videntes, provocam-nas com pequeninos martírios: alfinetadas, arranhadas, focos potentes nos olhos. Não reagem, nem pestanejam, possuídas totalmente pelo arrebatamento, como se não foram da terra.

Surge então uma grande novidade: o Anjo trazia um letrinho, que nem o pároco sabia interpretar.

No domingo é um mar de povo. Há sacerdotes e médicos. Um destes levantou Conchita a um metro e deixou-a cair no duro pedregoso. Foi um peso morto que a não acordou nem feriu. Seguiram-se dias de interrupção. As videntes já pensavam no adeus às delícias da visão. Mas no dia 28 reata-se o fio. E no 1.º de Julho, depois de terços e muita ansiedade, o Anjo lá está e, pela primeira vez, falou:

— «*Venho anunciar-vos a visita da Virgem, sob o título do Carmo, que aparecerá amanhã, domingo*».

Seguiu-se um colóquio de duas horas com as crianças para as iniciar na sobrenatural, que havia de chegar, depois, em força. Ao despedir-se, prometeu:

— «*Voltarei amanhã com a Virgem*».

Dia 2 de Julho. O monte é um maciço do povo. Há vá-

rios médicos, sacerdotes e polícias.

— «*A Virgem!*» — foi o grito unísono das quatro, quando Ela surgiu, ladeada por S. Miguel e S. Gabriel. Tiveram uma conversa prolongada sobre as coisas mais simples e familiares. As pessoas recomendavam-lhes doentes e outros problemas graves. Conchita resume assim o encontro:

— «*Falámos muito com a Virgem e Ela conosco. Dizia-mos-Lhe tudo. Rezou o terço conosco para nos ensinar a rezar bem*».

Quando no êxtase, as crianças rezavam de um modo lento, solene, marcando bem as palavras, com uma unção e piedade extraordinárias. Depois de a descrever no seu relatório, resume Conchita:

— «*Não há mulher que se pareça com a Virgem, nem na voz, nem em nada*».

Este primeiro encontro abria um ciclo carismático longo e cheio de mistério. De facto, as aparições sucederam-se (mais de 2.000) durante anos, numa familiaridade com as crianças absolutamente comovedora. Todos traziam objectos para Nossa Senhora tocar e beijar, ao que Ela acedia benignamente.

Depois, como sempre, vieram os «cautelosos» com a exigência de milagres. E não vêm o prodígio, tantas vezes verificado, das comunhões místicas, das marchas extáticas. De qualquer lugar da aldeia, as crianças como que se projectam, velozmente, olhos fixos no alvo celeste, sem ver onde põem os pés, em direcção aos Pinheiros, em êxtase profundo. Também se obtiveram fotografias da Sagrada Hóstia na língua de Conchita.

O P.º Andréu, na circunstância autoridade humana e teológica, viu-se associado ao fenómeno extático e exclamou: — «*Este é o dia mais feliz da minha vida*». Nesse momento, inexplicavelmente, calou-se, de sorriso nos lábios... Estava morto. Foi depois contemplado no gozo do Céu pelas videntes.

Ao requerimento de mila-

gres, Nossa senhora responde com a seguinte mensagem:

— «*Há que fazer muitos sacrifícios, muita penitência; visitar assiduamente o Santíssimo. Mas, primeiro que tudo, há que ser muito bons. E se não o fizermos, virá o Castigo. Já se está a encher a taça, e, se não mudarmos, virá um castigo muito grande*».

Apesar de tantos frutos espirituais, Garabandal tornou-se num pomo de contradição, porque o demónio não se conforma... Um dos mais enérgicos contraditores foi o Doutor Morales. Pois bem. Há muito depós a guerrilha, para se tornar num

convicto e austero defensor.

O P.º Pio, célebre estigmatizado italiano, falecido em odor de santidade e taurmurgio, tinha estas aparições como certas. A Madre Teresa de Calcutá é uma admiradora de Garabandal. O Cardeal Ottaviani, de Roma, num posto de responsabilidade, era outro convencido. E o Papa Paulo VI, informado das oposições, remata, decidido: — «*Não importa! Dizei a esses senhores que é o próprio Papa quem o diz: É importantíssimo dar a conhecer ao mundo estas mensagens*».

(Resumido de «O 2.º Advento: A Montanha de Garabandal»).

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Manuel Augusto R. de Sousa (Lisboa, 91)1.000\$00
José Maria A. Fernandes (St.ª Marta, 91)1.000\$00
António Ferreira M. da Silva (P. Varzim, 91)1.000\$00
João Baptista A. Araújo (Luxemburgo, 90)1.000\$00
Manuel da Silva e Sousa (Luxemburgo, 91)1.000\$00
Abílio Matos da Costa (Luxemburgo, 92)1.000\$00
Amândio Vieira de Sousa (Luxemburgo, 91)	...1.000\$00
Jaime Abreu Dias (Amares, 89 a 91)3.000\$00
Amândio G. Araújo (St.ª Marta, 91)1.000\$00
Alberto Fernandes Azevedo (Amares, 91)1.000\$00
Arlindo Fernandes Costinha (França, 90, 91)	..2.000\$00
Profírio Barbosa Braga (Bouro, 88 a 91)4.000\$00
José Maria Pereira (Bouro, 87 a 91)5.000\$00
Olivério de Jesus Fernandes (Bouro, 91)1.500\$00
Artur Adelino S. Rodrigues (P. Bourou, 90)1.000\$00
Fernando Martins (França, 91)1.000\$00
José Joaquim S. Ferreira (Luxemburgo, 92)1.000\$00
Bernardino de J. Ribeiro (Valdosedo, 91)1.000\$00
João Carneiro Marques (Luxemburgo, 92)1.000\$00
Manuel Costinha (França, 90, 91)2.000\$00
Ernesto J. Antunes Vieira (Almada, 92)1.000\$00
Maria Avelina S. L. F. Costa (Amares, 91)1.000\$00
Manuel de S. Cerqueira (Luxemburgo, 91)1.000\$00
Manuel A. Pires Lopes (Braga, 91, 92)2.000\$00
Adelino da C. Dias (Luxemburgo, 91)1.000\$00
António Afonso (Luxemburgo, 91)1.000\$00
Amélia Sessimi (Itália, 92)1.500\$00
Frank de Sousa (U.S.A., 91)1.500\$00
Manuel J. M. F. Ramalho (Sequeira, 91)1.200\$00
Luís Adolfo de Sousa (Sequeira, 91)1.000\$00
Pensão Comercial2.000\$00
José Fernandes Soares (França)1.200\$00
Justino Peixoto Viana (T. Bourou)3.000\$00
Domingos A. Almeida (Amares, 90)1.000\$00
Albina Rodrigues (Gerês)1.000\$00
Ângelo de Sousa Arantes Meneses (França)	..1.200\$00
António de Carvalho Pinheiro (França)1.500\$00
José António Lopes Ferreira (Figueiredo)1.000\$00
Maria de Jesus Almeida (Figueiredo)1.200\$00
Rosa Olívia S. Araújo (S. Mamede Infesta)1.200\$00
Padre Joaquim C. Xavier (Cabeceiras, 91)1.200\$00
António Cândido Martins (Dornelas)3.000\$00
Florinda Rosa Pinheiro Gomes (França)2.200\$00
Manuel António P. Paredes (França)1.000\$00
Adelino Freitas (França)2.200\$00

«O Projecto Vida»

O Projecto Vida é um programa nacional de combate à droga, actuando em quatro vectores fundamentais: prevenção da toxicodependência, tratamento, reinserção dos toxímanos e combate ao tráfico.

Colaboram nestas actividades os Ministérios da Administração Interna, da Justiça, Educação, Emprego e Segurança Social e o Gabinete do Ministro Adjunto e da Juventude. Existem também Núcleos Distritais do Projecto Vida, funcionando junto aos Governos Civis, e Núcleos Concelhios, junto às Câmaras Municipais.

O Projecto Vida criou uma «Linha Aberta» que funciona das 12.00 horas às 24.00 horas, pelos telefones 7267766 de Lisboa e 491212 do Porto, respondendo a questões, indicando Serviços de atendimento, esclarecendo jovens, consumidores e familiares.

As Publicações do Projecto Vida contam já com diversos títulos dedicados aos Jovens, aos Pais, Professores, Jornalistas e Profissionais de Saúde: os temas da Sida e da Sexualidade fazem também parte dos volumes editados e de distribuição gratuita. Existem ainda dois vídeos sobre «Os pais e a droga» e «Os jovens e a droga».

O Projecto Vida promove também a realização de Cursos «Jovem-a-Jovem», destinado a rapazes e raparigas entre os 14 e os 23 anos.

«A droga derruba. A decisão é tua» é o lema do cartaz agora editado.

Como importante problema social que é a questão da droga não se pode ignorar. Informar-se para conhecer, dialogar para ajudar, são tarefas para que todos podem e devem preparar-se.

MCC

Fernando

OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

*

Rua do Souto, 23
(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703
4700 BRAGA

REFLEXÃO

Maria na Família

Por: CAP. ARAÚJO



Falar de Maria é falar da Mãe de Deus. Daí que, por mais e melhor que d'Ela se diga, nunca se dirá tudo a seu respeito.

No entanto, Ela vai gostar que me atreva a falar de Si, mesmo que, para tanto, nada me ajudem «engenho e arte».

Com efeito, Ela foi Mãe e continua a sê-lo. E, como tal, o modelo por excelência da dona de casa, orientando, com perfeição e sabedoria jamais igualáveis a vida do seu lar de Belém, do Egipto e de Nazaré. — Ela é modelo impar das Mães da terra.

Foi esposa exemplaríssima, como jamais outra haverá; foi a Mãe castíssima sob todos os aspectos; foi a Virgem das mãos calejadas; a pobre de Nazaré, rica de predicados e de virtudes.

Enquanto permaneceu neste «Vale de Lágrimas», foi coração cheio de qualidades a imitar, no seio das famílias, por esposos e filhos. Ela foi o exemplo perfeitíssimo daquele que deve ser o comportamento dos que integram um lar cristão.

Ensinou-nos a estarmos permanentemente disponíveis «para tudo o que o Senhor quer, deseja e permite», aderindo incondicionalmente à Sua vontade.

Ensinou-nos a rezar. Ela é a «mulher orante», buscando e encontrando todas as coisas em Deus e Deus em todas as coisas, dialogando intimamente com Ele.

Como ninguém, Maria diz-nos como louvarmos e agradecermos, e como cantarmos as maravilhas

do Altíssimo, constituindo-se, hoje, como dantes, medianeira entre nós e Seu Filho — o Deus feito Homem —, qual ponte entre o Céu e a Terra. Ela intercede pelas Mães da terra, por todos nós.

Mais ainda, Ela diz-nos como rezar em particular no aconchego das nossas lareiras e, sobretudo, em comunidade, ao reunir, à Sua volta, no Cenáculo, a Igreja nascente de Seu Filho.

Maria é caridade e viveu-a «em grau sublime». Nela, nunca houve a mais pequena «falha contra a caridade». Foi «toda delicadeza, ternura, compreensão, amizade» e humildade, apontando estas virtudes como indispensáveis para a concórdia familiar.

É, acima do mais, o protótipo do Amor Maternal. Veja-se a forma como educou Seu Filho Jesus, O ensinou a falar, a comer, a andar, a trabalhar e a rezar.

Nunca Mãe alguma amou tanto Seu Filho, tal a dor e sofrimento que teria suportado quando O viu partir para a Sua Vida Pública e depois o contemplou crucificado e morto numa Cruz! Ela é, de facto, «a perfeição de Amor, de dádiva, de entrega». Em boa verdade, nunca

Mãe alguma foi ou será como Maria!

Imaginemos como «acabaram os bons anos de Nazaré» e como teria sido dolorosa a despedida de Jesus a Sua Mãe!... Claro que «a separação de tal Filho e de tal Mãe não se fez sem dor».

Esta, sem dúvida, é uma grande lição que a Senhora Mãe dá às novas Mães, e Jesus aos jovens dos nossos tempos.

Aos nomes de Jesus e Maria, porque não acrescentar o nome de José? — No Lar de Nazaré, não houve apenas Jesus e Maria, mas também o Chefe de Família — o Carpinteiro José que, com Maria, partilhou das mesmas alegrias e tristezas, e sentiu, como Ela, a dor e o sofrimento, os contratempos e apreensões de cada dia que passa.

Também José, portanto, foi o modelo de Virtudes e chefe de família exemplaríssimo.

— Virgem Maria, medianeira de todas as graças e bendita entre todas as Mães, nós Vos louvamos e bendizemos com alegria filial.

Cantamos as Vossas glórias, porque sóis Mãe de Jesus e para que alcanceis d'Ele as graças de que necessitamos.

CARDOSO DA SAUDADE

— FATOS

— CALÇAS

— CASACOS

— BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

No início dum novo ano lectivo

Por: MANUEL FONSECA

Nesta altura, há já uma população numerosa do Povo Português a deslocar-se para as escolas.

Ao ver tantos jovens a sobraçar pastas, pensamos que tudo vai de vento em popa. Mas nem sempre assim é.

Recordo que numa escola havia uma associação de encarregados de educação que funcionava normalmente e publicava um boletim sobre a vida da associação e o apoio que dava à escola e aos educando.

Nesse boletim havia uma secção em que eram apontados os progressos (?) dos seus educandos. Alguns exemplos tirados de respostas dos alunos a diversas questões:

— «Gado ovino é aquele que põe ovos. Gado asinino é aquele que tem asas».

— «Culturas extensivas são o ouro, prata, o cobre, etc.».

— «As principais riquezas do México são os vulcões».

— «Qual a produção que conseguimos extrair na Terra Nova? É a Terra Velha».

— «Vós é uma forma do verbo eu».

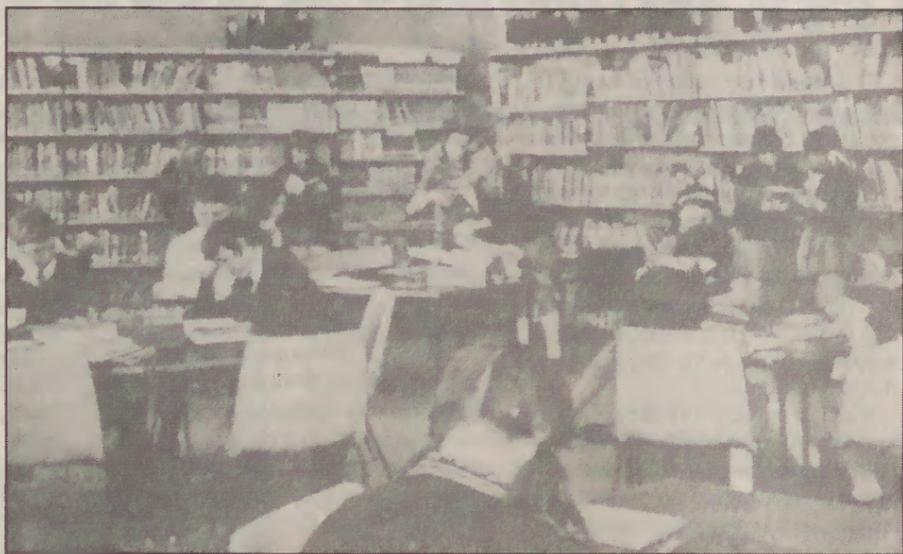
— «Os crustáceos mais abundantes no Algarve são a mosca, o mosquito, a pulga e o carrapato».

— «As guelras dos peixes servem para ver-mos se o peixe está fresco».

— «Da baleia extrai-se o óleo de fígado de bacalhau».

Isto é uma amostra mínima da cultura de muitos alunos.

Seja como for, uma associação de pais pode ajudar muito no bom funcionamento da escola. Na verdade, um dos males do nosso ensino é a falta de



colaboração e de interesse dos pais.

Estes suspiram por ver os filhos fora de casa e saber que outros cuidam da sua educação. Mas quando não contactam a escola, o filho ou filha, o director de turma, muita coisa menos boa pode acontecer. Uma delas é o desinteresse ou alienação dos jovens. Passadas algumas, muitos deles são apenas «turistas» do ensino. Eles vão para se encontrar com colegas, fumar uns cigarros, entrar nos jogos escolares, namorar, etc.

A pouco e pouco, abandonam os livros e os diversos materiais, e tornam-se um peso nas aulas para quem se empenha seriamente na sua educação. Em casa há os desabafos: este professor não sabe nada; aquele é ríspido; a professora é injusta; a outra não gosta de mim... Logo, os professores é que são culpados das notas negativas e da sua reprovação no fim do ano...

A opinião do pai e da mãe seria outra se houvesse mais interesse pela vida escolar do filho, não só em casa, mas também na escola.

A função desta é cuidar

da formação integral do aluno. Com razão, o ministério governamental que trata deste assunto é chamado Ministério da Educação.

A escola acaba por ser de facto um dos principais agentes da educação da população jovem. De direito, o primeiro agente é a família, representada sobretudo pelos progenitores. Os outros agentes são formadores complementares subordinados à família.

De facto, nem sempre assim acontece. A família diminuída por diversos factores, inclusivamente pelo divórcio, exerce, em geral, reduzida influência educativa nos mais novos.

Urge, no entanto, chamar-lhe a atenção para esse dever. Quanto mais pais, educadores e familiares, estiverem em contacto com a escola, melhor o processo ensino-aprendizagem avança e consegue bons resultados. Tantas vezes, se procuram causas para o insucesso escolar, e ele começa precisamente por aí.

Recordamos os velhos tempos medievais em que a família não só exercia uma acção profunda na

educação, mas também na instrução. Normalmente, o pai agricultor instrua o filho agricultor. O engenheiro e o médico faziam o mesmo.

Não seria essa praxis um modelo. Tinha, no entanto, a virtude de centralizar a educação no lugar que, por direito, lhe diz respeito.

Nos tempos actuais, há outros agentes de educação (ou deseducação). Um dos mais fortes é a televisão. O jovem passa em geral, largas horas diante do «écran», recebendo mensagens as mais variadas sobre muitos temas ou assuntos. Ligado à televisão, há o vídeo. E dentro destas novas tecnologias, também os computadores.

Outro agente é a igreja, mormente nas aldeias. Esta exerce saudável influência formativa nessa idade em crescimento. É pena que se tenha reduzido nas últimas décadas.

Há ainda outros agentes importantes ligados às associações desportivas e culturais.

Vale a pena apostar nas camadas jovens, que são já uma presença dinâmica actual e uma esperança de futuro promissor.

NO CORRENTE ANO LECTIVO

Solidariedade motiva estudantes católicos

A «vivência solidária» na escola é proposta para o Sector Secundário do Movimento Católico de Estudantes (MCE) da arquidiocese de Braga para o corrente ano lectivo.

Por seu turno, o Sector Universitário do mesmo Movimento propõe-se debruçar-se sobre os temas «Ética e Desejo, nas suas relações com sexualidade e afectividade».

Estas duas propostas foram aprovadas por unanimidade pelo Conselho Diocesano do MCE, que reuniu na sua sede, na rua do Alcaide, em Braga.

Como proposta global, o Conselho aprovou que continuem «a ser prioridades o alargamento, a extensão e a iniciação: divulgar o Movimento nas Escolas Secundárias e nas Universidades».

O Conselho Diocesano do MCE aprovou ainda por unanimidade o plano de actividades para o ano de 1991/92, que, para além de diversos encontros diocesanos de assistentes, animadores, coordenadores e dos Sectores Secundário e Universitário (quase sempre em ordem à preparação dos respectivos encontros nacionais), prevê dois acampamentos, uma caminhada e dois Encontros de Reflexão e Oração.

O orçamento para o ano de actividades agora iniciado foi também aprovado por unanimidade, prevendo a movimentação de verbas na ordem dos trezentos contos.

Por fim, o Conselho Diocesano elegeu a Equipa Diocesana para este ano, que ficou assim constituída, indicando-se entre parêntesis o local de estudo: Coordenador Diocesano, João Diogo Pizarro Pinto (Guimarães); Coordenador do Sector Universitário, Cláudia Alexandra da Silva Reis Torres (Braga); Coordenador do Sector Secundário, Eugénia Margarida Pinheiro de Oliveira (Guimarães); Secretária, Maria Manuela Castro Lopes (Braga); Tesoureiro, Rui Miguel Vaz de Abreu (Guimarães); responsáveis da Equipa de Informação, Sílvia Mónica Loureiro Mendes e Rosa Sandra Magalhães Fernandes (ambas de Guimarães); Responsável pelas Equipas de Iniciação, Maria Alice da Silva Leite (Braga).

O Arcebispo de Braga nomeou Assistente da Equipa o Padre Manuel Domingos Sampaio Viana, que substitui o P. João Manuel Marinho Teixeira da Silva, nomeado Pároco de Vieira do Minho e Mosteiro.

PADARIA UNIVERSAL

De António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS PREFIRA O DA PADARIA UNIVERSAL

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO - AMARES

PARA EMIGRANTES OU CANDIDATOS

Cursos de Línguas em Amares

O Gabinete de Apoio à Emigração da Câmara Municipal de Amares tem abertas inscrições para os cursos de línguas francesa, inglesa e alemã que vai promover.

Estes cursos pretendem possibilitar funções básicas ou conhecimentos fundamentais da língua do país de acolhimento aos emigrantes ou candidatos a tal.

São cursos gratuitos, devendo apenas os interessados contribuir com uma quantia simbólica de 500 escudos no acto da inscrição.

As inscrições podem ser feitas no Gabinete referido, da Câmara de Amares, ou na Delegação de Braga do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas.

NAS ÁREAS PROTEGIDAS

Criada legislação para disciplinar a caça

O Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza e a Direcção Geral de Florestas elaboraram uma portaria conjunta que visa disciplinar a caça dentro das denominadas «áreas protegidas», disse a Vice-Presidente daquele organismo.

Já enviada aos Ministérios da Agricultura e Ambiente, que «deverão aprová-la em breve», a portaria tem como principal objectivo um maior controlo da caça em parques e reservas naturais.

No entanto, e em termos práticos, a legislação não terá qualquer efeito se não houver uma fiscalização reforçada «in loco» nas áreas protegidas.

De acordo com Fátima Vitorino, Vice-Presidente do Serviço Nacional de Parques, a Lei Geral da Caça é, até ao momento, a única legislação que rege a prática da caça dentro dos parques e reservas naturais.

Apesar da legislação específica agora criada, é praticamente impossível controlar os caçadores furtivos, que continuam a caçar mesmo nas reservas biogenéticas existentes em parques como o da Peneda-Gerês, se não for aumentado o número de guardas florestais que vigiem, de facto, as supostas áreas protegidas.

Com o mesmo problema debate-se o Parque Natural de Montesinho, onde «é impossível controlar a prática da caça», de acordo com o seu director, Dionísio Gonçalves.

Aqui pretende-se instalar a Reserva Nacional de Caça da Lombada, destinada à caça grossa, cuja criação está dependente da conclusão de estudos de base.

No entanto, e segundo o responsável, «algumas entidades» preparavam-se para construir o parque mesmo sem estudos prévios.



«Guia do Regresso» em segunda edição

A segunda edição do «Guia do Regresso», publicação destinada aos emigrantes regressados e suas famílias, já está em circulação.

A presente edição inclui, entre outras, questões como o apoio à criação de emprego e formação profissional, arrendamentos, contas, importação de bens, incentivos ao investimento, ingresso no ensino, segurança social, Lei da Nacionalidade, cartas de condução e criação de empresas.

Qualquer informação complementar que se pretender pode ser obtida junto da Delegação Distrital de Braga do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas, à Avenida da Liberdade, 168, nesta cidade.

Consumo de vinho em Portugal tem vindo a decrescer

O consumo de vinho em Portugal tem vindo a baixar gradualmente, apesar de os portugueses continuarem a manter a boa média de 54 litros/ano «per capita», de acordo com elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatísticas.

No entanto, estes números pecam por desactualização, uma vez que não incluem os montantes de vinho autoconsumido pelos 200 mil produtores portugueses.

Além da prática corrente em algumas adegas de estabelecer um montante equivalente em vinho aos quilos de uva entregues pelos produtores, que será entregue posteriormente

ao agricultor para consumo próprio, a lei isenta os produtores de quantidades inferiores a 25 hectolitros de declarar a sua produção.

O que cada vitivicultor e a sua família consomem, somando ao que é distribuído pelos amigos ou vendido directamente sem qualquer fiscalização, escapa perfeitamente a qualquer estatística.

Assim, e tendo em conta os 200 mil produtores de vinho, o montante de 54 litros não poderá corresponder na totalidade ao consumo real de vinho em Portugal.

No entanto, e de acordo com dados do Instituto da Vinha e do Vin-

ho, denotam-se quebras progressivas no consumo do «precioso néctar», facto que se atribui aos efeitos da realização de campanhas de saúde e de prevenção rodoviária, à concorrência de outras bebidas não alcoólicas e alcoólicas (com campanhas publicitárias bem fortes) e ainda aos problemas que têm surgido com alguns vinhos.

Segundo o IVV, é notório que a preferência pela quantidade está a dar lugar à preferência pela qualidade, comprovando-se tal facto com o consumo cada vez maior de vinhos engarrafados em substituição do vinho a granel.

NO COMBATE A INCÊNDIOS FLORESTAIS

Foram gastos com meios aéreos cerca de 3 milhões de contos

Mais de 2.8 milhões de contos, quanto custaram ao Estado os meios aéreos, e respectivo pessoal, que combateram este ano os incêndios florestais em Portugal, disse o presidente do Serviço Nacional de Bombeiros, António Laranjeira.

Este valor não engloba os gastos com viaturas e combustível, sabendo-se, no entanto, que o Ministério da Administração Interna atribuiu aos bombeiros um subsídio extraordinário de cerca de 200 mil contos a que se juntam 150 mil concedidos às autarquias para o combate aos incêndios.

Apesar de notórios reforços, tanto em material como em meios huma-

nos, os fogos foram implacáveis, fazendo com que o ano de 1991 fique assinalado como aquele em que ardeu a maior extensão de floresta.

Os últimos dados fornecidos pela Direcção-Geral das Florestas, reportados a 29 de Setembro, indicam que dos 159.670 hectares devastados pelo fogo, 114.900 eram constituídos por floresta e 44.500 nos matos e terrenos incultos.

Comparando estes valores com os de 1990, constata-se que este ano o número de fogos subiu de 18.507 para 21.511 e que as chamas «preferiram as árvores» já que em 1991 a área de floresta ardida aumentou,

até àquela data, em 36.844 hectares, enquanto a área de mato desceu em 7.013.

Os momentos mais dramáticos ocorreram nas duas semanas compreendidas entre 5 e 18 de Agosto, quando ardeu cerca de um terço de toda a área consumida durante o período deste ano até 29 de Setembro.

Todos os distritos do continente foram flagelados pelas chamas, com destaque para os de Santarém, com 34.781 hectares ardidos, e o de Castelo Branco, com 22.650 hectares, consumidos por 1.121 e 1.3038 fogos, respectivamente.

NAS COMEMORAÇÕES DO 10.º ANIVERSÁRIO

C.B. Verde Minho criou Centro de Meteorologia

O Grupo C.B. Verde Minho, que este ano comemora o seu 10º aniversário, criou recentemente um centro de estudos meteorológicos para servir o distrito de Braga.

Este sub-grupo da associação tem como tarefa essencial registar as condições climáticas, permitindo o desenvolvimento de estudos destinados ao conhecimento das dificuldades de comunicação via rádio, em determinadas si-

tuações. Foi já montada a primeira fase da «unidade meteorológica», conjunto de aparelhos elaborados com o fim de medir a velocidade do vento e sua direcção, temperatura e humidade. Na segunda fase desta unidade, as rádios locais poderão (se necessitarem), ter acesso aos valores da cidade de Braga (dando aos seus ouvintes uma informação com rigor científico).

No decorrer deste ano tem a associação desenvolvido diversas actividades ligadas

à comunicação, com a intenção de manter um ritmo de trabalho que permita ultrapassar a fronteira regional a que hoje ainda se confina.

COMEMORAÇÃO DE NASCIMENTO

No âmbito das comemorações do seu 10º aniversário, a C.B. Verde Minho realizou já este ano expedições ao Gerês, testou tecnologias de comunicação via rádio (tempo de duração «máximo»,

qualidade de mensagem), recolha de diapositivos do relevo da região, com o fim de se elaborar um plano de comunicação via rádio para casos de emergência.

De 12 a 20 do corrente, os «amadores de rádio» bracarense promovem uma exposição colectiva de artes plásticas no polivalente do Complexo Desportivo da Rodovia.

Cortejo em Covide na Festa do Emigrante



A A.C.D.C. deu cumprimento a uma actividade do seu programa que já há longo tempo se habituou a fazer.

Este ano, mais uma vez, realizou a Festa do Emigrante no dia 10 e 11 de Agosto de 91.

O objectivo principal desta festa foi o convívio e a partilha com as outras associações do concelho e com os emigrantes. O ano passado e este ano a A.C.D.C. quis aliar a esta festa um segundo objectivo: um cortejo de oferendas a favor das obras da Igreja.

A festa esteve bonita, no dia 10 e a Associação de Cibões aceitou o convite e veio participar com o seu

Rancho Folclórico, o Grupo Juvenil de Covide com um programa de canções. Dia 12, o cortejo de forma diferente: os vários lugares se fizeram apresentar com carros alegóricos alusivos à vida rural: As vindimas com os cestos e cestas carregavam as uvas, e o produto acabado, um rico pipó de vinho cheinho até cima. O centeio vinha representando a cegada, atar os molhos e fazer medeiros; outro carro representava a tarefa a seguir: uma malhada à boa moda minhota. Apareceu um outro carro que apresentou um campo de batatas: ao longo do desfile foram arrancadas e postas em cestos.

Veio depois o linho, desde o espadelar, deluvar, assedar, fiar, pôr o fio prontinho que noutra carro a seguir no tear se fazia o lindo pano de Cragal. Com peças já acabadas se pôde ver a beleza e riqueza dum produto natural criado na terra e pela ciência e criatividade de mãos hábeis é transformado no mais variado número de peças decorativas, de adorno, de vestuário de maior ou menor requinte, é útil, saudável e do agrado de todos os que gostam das belezas naturais.

Ainda ia um outro carro com grande simbologia: os pedreiros picavam a pedra — é que a pedra, depois de trabalhada, é precisa para a obra da igreja...

A noite, com a actuação do Grupo Musical Pedra D'Água, tornou-se linda e muito alegre: todos, mesmo

todos se divertiram à grande, os jovens participavam em cheio.

Havia uma cremesse com petiscos e bebidas (isto também a favor das obras da Igreja); no intervalo da actuação do conjunto fez-se um bazar. Foi notável o entusiasmo e empenhamento da gente mais nova.

A Associação Cultural e Desportiva de Covide ficou satisfeita com a festa e com todos os que participavam. Bem hajam.

C.



Reabertura das actividades no Centro de Covide

No dia 2 de Setembro as crianças do Jardim de Infância iniciaram um novo ano de actividades. Felizes, estão a tentar conhecer-se uns aos outros, porque este ano foi um grande número que veio pela primeira vez.

O número de inscrições é de 52 crianças que todos os dias vêm na carrinha do Centro e são das seguintes localidades: Cibões, Moimenta, Chorense, Souto, Vilar Chamoin, Carvalheira, Campo e os de Covide.

O Centro Social procura assim dar resposta às solicitações dos pais que querem ver as suas crianças num Jardim de Infância, que com pessoal técnico se esforça por desenvolver as capacidades próprias de cada um, levar até à criança novos conhecimentos utilizando o meio e a época em que vivemos.

No Outono levá-los às desfilhadas, vindimas e seguir com eles todas essas experiências, desde o grão ao pão e desde a uva ao vinho.

A criança sente-se entusiasmada e cria no desenho e na pintura, ou na moldura (plasticina, por exemplo) todas essas actividades que observou.

O que se pretende com tudo isto é que a criança se desenvolva em todos os aspectos e integrá-la no meio em que vive, e ainda ajudá-la a conhecer outros meios, coisas para elas desconhecidas.

O Jardim de Infância não aceita de modo nenhum guardar crianças, mas sim educá-las, desenvolvê-las e estimulá-las para a vida.

Entretanto, a A.T.L. - Actividades de Tempos Livres, reabriu também no dia 2



A.T.L. de Covide numa sessão de desporto

de Setembro com uma semana cultural que teve o seguinte programa: Desporto, Saúde, Cinema, ILeitura, Cantares e Danças Populares.

A sessão de saúde foi dada por uma equipa do Centro de Saúde: enfermeira-chefe acompanhada de outra enfermeira. A sessão foi muito interessante, apresentaram um filme e depois falaram ao grupo sobre saúde e limpeza dos dentes.

O programa cumpriu-se na totalidade e todos os utentes da A.T.L. ficaram alegres e satisfeitos.

A partir daí a A.T.L. segue o seu ritmo normal, com um programa de actividades bastante complexo, onde aparece a culinária, higiene, saúde, desporto, trabalhos manuais, desenho, leitura e tarefas escolares, etc. Na A.T.L. todas as actividades são importantes e têm o mesmo interesse no desenvolvimento integral das crianças.

Pretendemos que as crianças cresçam equilibradas num ambiente sadio, onde trabalhem, brinquem e dialoguem umas com as outras, aprendendo a respeitar-se mutuamente.

C.

DE JULHO A SETEMBRO

Convento de Bouro visitado por cerca de 2.500 pessoas

Durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, o Convento de Bouro foi visitado por cerca de 2.500 pessoas. Com efeito, foram muitos os turistas e passantes que se detiveram, na estrada Braga-Gerês, para admirar o imponente conjunto formado pela Igreja e Convento de Bouro.

Este serviço foi-lhes proporcionado pela Paróquia de Bouro, em colaboração com o Instituto da Juventude que ali colocou 5 jovens nestes três meses, no âmbito dos programas OTL (Ocupação dos Tempos Livres).

Os visitantes puderam admirar a imponência e a beleza do conjunto conventual, mas todos lamentavam o estado de decadência e de abandono a que se encontram votados, sobretudo o Convento.

IPPC ANUNCIA ARRANJO (QUASE) TOTAL DA IGREJA DE BOURO

Têm sido muitas as diligências feitas pela paróquia de Bouro, nomeadamente pelo seu pároco e pela Comissão Fabriqueira, para que o IPPC assumira as suas responsabilidades no arranjo da Igreja de Bouro (Santa Maria). Pelo menos desde há 6 anos que têm sido muitas as diligências feitas junto daquele organismo para que trave o processo de decadência da Igreja. No entanto, até ao momento nada se tem conseguido. Apenas o tratamento e restauro do cadeiral, que foi feito pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a quem a Igreja estava afectada. De há dois anos para cá, a Igreja passou para a dependência do IPPC e até ao momento ainda nada se fez.

A Comissão Fabriqueira havia pedido uma reunião com a responsável por aquele organismo no Porto, tendo sido marcada para o dia 24 de Setembro. No entanto, não se chegou a realizar, pois do IPPC comunicaram ao Pároco que seria aberto concurso público, no início de Outubro, para o arranjo do telhado, da electrificação e de toda a parte de alvenaria. A abertura pública das propostas será no início de Novembro.

Já não era sem tempo! Esperemos que, desta vez, seja mesmo a sério ou teremos mesmo que ser como S. Tomé, aguardando ver para acreditar...

Quando o amor acaba

Quando o amor acaba deixa-nos na boca
Um ácido travor de veneno ingerido;
Como se nossa alma se tornasse oca
D'algo que satisfaz e se houvesse delido.

E quanta gente, quanta, perseguindo, louca,
Uma visão fugaz que ficará no olvido!
E chamámos por ela até a voz ficar rouca
P'ra só restar o eco no ermo esquecido.

Sonhos, ilusões — tudo isso nos encheu.
Mas quando o amor acaba, tudo se varreu.
Lamentamos então a escalada da serra.

Ó Vénus soberana, algum dia pensaste
Que os castelos na areia que hoje edificaste
Há-de amanhã o vento lançá-los por terra?

Post Mortem

Vou ser feliz depois de morto.
Vou ter tudo: Bom ataúde, jazigo luxuoso
E até gajos importantes a acompanhar-me
Com ar grave, composto, solene,
Como manda a circunstância.
Cá por mim vou no cortejo de outros
Que também conheceram a felicidade
Muito depois de as parcas
Lhe cortarem a imbride.
Mas que grande pagode a gente
Ser feliz depois de morto!
Deve dar um gozo dos diabos...
O Camões (com pouca sorte c'o as fêmeas)
O Pessoa (afogando a angústia nos copos)
Já sabem como isso é.
Apetecia-me dar uma gargalhada
Dentro do esquife.
Vao erguer estatuas, baptizar ruas
Com o nosso nome.
Luís e Fernando, que tal?
É bestial.
Agora dão-nos tudo.
Que grande país o vossol!...

Carta

Hoje te escrevo esta carta.
Porquê só hoje,
Se há muito te quero dizer tanta coisa,
Se há tanto tempo tantas mensagens se acumulam
No cérebro abarrotado de angústia e pesadelos?

É que não aguentava mais.
Hoje te escrevo esta carta
Para saberes que não te esqueço.
Como poderia,
Se partilhámos horas de angústia,
Se a fome adejou à nossa porta
E a enfrentámos juntos
Numa contorção de nervos
Tentando apaziguá-la
Junto aos filhos?
Por isso
Hoje te escrevo esta carta.
Ela transporta o sabor
De milhentas recordações
Da nossa luta hercúlea
Contra os preconceitos
Dum mundo que sempre
Rejeitou, tácito, a nossa aliança.

Caminhámos juntos,
Temperámos juntos
Os nossos músculos
A suportar o peso
Duma sociedade acéfala
E putrefacta.
Por isso hoje te mando esta carta.

J. Ferraz Mota

OPINIÃO

Humilhados e ofendidos — os Reformados

Por inverosímil que pareça, é verdade.

Um técnico tributário de 1.ª classe (antigo secretário de finanças), a desempenhar o cargo de Chefe de Repartição de Finanças durante cerca de 28 anos, aposentou-se (aposentação ordinária) com mais de 36 anos de serviço efectivo e 60 anos de idade (limites máximos para obter esse direito, conforme o art.º 1.º do Dec. L. n.º 191 - A/79, de 25 de Junho, do Estatuto da Aposentação, aprovado pelo Dec. L. n.º 498/72, de 9 de Dezembro, e legislação complementar), e tem, actualmente, a pensão de reforma ilíquida mensal de 136.100\$00, conquanto, tal tenha acontecido há cerca de 3 anos.

A um colega seu no activo é atribuído, hoje, para além do subsídio de alimentação o vencimento ilíquido mensal de 261.300\$00, ou seja, uma diferença para mais de 125.200\$00, gerando-se, desta feita, um vácuo de justiça social inadmissível.

Claro que tal absurdo assenta do facto da reclassificação das carreiras do pessoal técnico da D.G.C. e Impostos, subida de duas letras e na aplicação do

novo sistema retributivo, criado pelo Dec. L. n.º 353 - A/89, de 16 de Outubro, constituindo, por assim dizer, uma verdadeira afronta.

E apesar da Lei dizer que os aposentados da função pública (n.º 2 do art. 5 do Dec. L. n.º 40 - A/85, de 11 de Fevereiro) não podem receber mais do que os seus colegas do activo), é contra todos os princípios da equidade e justiça social tamanha e escandalosa diferença, só justificável para quem age insensatamente, sem cuidar de saber da situação dos que antecederam e desempenharam, com dignidade, brio e isenção, as mesmas funções daqueles, o que, de resto, é, até, anticonstitucional.

Eu sei que existem milhares de situações semelhantes, iguais e piores do que a do autor desta crónica.

Mas, para esses, deixo, aqui, a minha incondicional solidariedade, e o desejo de que nos unamos para reivindicar os nossos analienáveis direitos.

Em alguns jornais do País, venho, há tempos, debatendo este e outros problemas, que em nada dignificar a sociedade que

somos, ou pretendemos ser.

Escrevo mais, naturalmente, sobre a função pública, pois foi esta a área em que servi. Porém, não esqueço os muitos milhares de reformados do sector privado que, no dizer de uma avaliado mestre, professor catedrático doutro Manuel Sérgio, Presidente Nacional do Partido de Solidariedade Nacional (P.S.N), mais conhecido pelo partido dos reformados, são também os grandes humilhados e ofendidos deste País.

E se alguma coisa se fez em prol desta classe — aposentados, reformados e pensionistas, e outra coisa não se compreenderia — muita coisa há ainda por fazer, até porque as percentagens de actualização de pensões recentemente aplicadas, foram duma insignificância irrisória...

Num regime democrático como é o nosso, ou se pretende que seja, os governantes não são mais do que servidores do povo, porventura gestores dos dinheiros públicos, que devem aplicar e distribuir com discrição, saber e fé.

Aliás, não teria sentido o voto popular, que mais é do que a participação do

povo na administração da «coisa pública».

Que me desculpem os colegas no activo, pois sobre eles não recai qualquer culpa — a culpa é, isso sim, do sistema — que me aventure a dizer que todos os funcionários, tanto civis como militares ou militarizados, pagos pelo novo sistema atrás referido, ou outro que se lhe equipare, não deviam beneficiar do aumento inflacionário anual, pelo menos durante determinado período de tempo, o qual, na parte respectiva, revertaria a favor das pensões mais degradadas, a fim de se obter a tão almejada, justa e equilibrada aproximação dos aposentados aos colegas no activo.

Doutra forma, é cada vez maior o distanciamento.

Certamente que não devo nem posso esquecer os nossos políticos, quer a nível central ou local, que, para além de regalias e imunidades especiais, auferem chorudos vencimentos e o direito a pensão vitalícia, completados que sejam apenas dois mandatos.

Daí a luta titânica para conseguir ou manter um lugar ao sol da política...

Narciso José Gonçalves - Amares

NO PRIMEIRO SEMESTRE

Transportados quase milhão e meio de passageiros

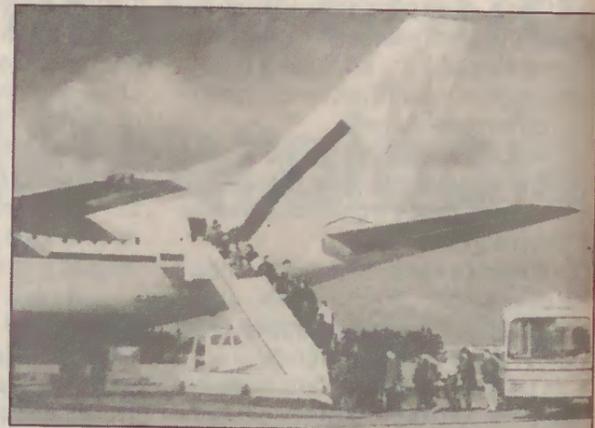
A TAP Air Portugal transportou, no primeiro semestre deste ano, cerca de 1,4 milhões de passageiros (1.368.423), o que traduz um ligeiro decréscimo em relação ao tráfego registado em igual período de 1990 (1.372.851).

Contudo, este resultado evidencia um esforço de recuperação relativamente à quebra de tráfego provocada pelo conflito do Golfo, desde Fevereiro até a Abril, altura em que o decréscimo, em relação a iguais meses do ano precedente, se situou em cerca de dez por cento.

O sector que revelou ter sido mais afectado por aquele conflito, durante o primeiro semestre deste ano, foi o Atlântico Norte, onde o movimento de passageiros, (94 mil) foi bastante inferior ao verificado em igual período de 1990 (128 mil), o que significa uma descida de cerca de 27% na comparação dos dois resultados.

No sector da Europa, que representou 55% do total de tráfego, a TAP Air Portugal transportou, em Janeiro e Junho de 1991, 765 mil passageiros, enquanto no mesmo período do ano anterior transportara 770 mil.

Os números já conhecidos dos meses de Julho e Agosto, que corresponderam ao período de maior incidência de tráfego, indiciam alguma recuperação em relação ao grave decréscimo verificado nos primeiros



meses deste ano, em consequência da crise do Golfo.

Por outro lado, o relatório da Associação Europeia de Companhias Aéreas (AEA), referente ao primeiro semestre deste ano, revela, igualmente, que os resultados de tráfego das 22 companhias membros são desencorajantes.

A recuperação do tráfego tem sido bastante lenta, pelo que a AEA considera que as companhias estão a suportar a pior crise desde a ocorrida no início da década de oitenta.

NOS DISTRITOS DE BRAGA E VIANA

Morte por doenças cérebro-vasculares mantém as taxas mais elevadas do país

Os distritos de Braga e Viana do Castelo apresentavam em 1989, as duas taxas mais elevadas do país de mortalidade por doenças cérebro-vasculares, revela um estudo agora publicado no boletim «Contacto» da responsabilidade da Administração Regional de Saúde de Braga.



Elaborado por Custódio Lima, vogal da comissão instaladora da ARS e Carlota Louro, clínica geral ao serviço do mesmo organismo, o estudo mostra ainda as variáveis de mortalidade infantil, onde o Minho continua a ter uma taxa elevada.

No que toca a taxas de mortalidade geral, e referente ao mesmo período, das 96 mil, 220 mortes ocorridas, 73,5 por cento atingiram indivíduos com mais de 65 anos. No distrito de Braga as mortes relativas a esta faixa etária representaram 69 por cento.

Também no distrito de Braga, quatro por cento do total das mortes em 1989 ocorreram na faixa etária dos 0-4 anos, enquanto a média nacional se ficou pelos dois por cento.

Em 1987, a taxa de mortalidade geral em Portugal foi de 902,2 por cada cem mil habitantes, baixando dois anos depois para a taxa de 821,4.

Apesar da evolução positiva, principalmente para o sexo masculino, Portugal apresentava há dois anos atrás, taxas de mortalidade geral acima das existentes na República Federal Alemã, em

1987. O mesmo estudo cita uma abordagem recente que dá uma ideia exacta dos padrões de ocorrência da mortalidade ao longo da vida, verificando-se que o nosso país ocupa o primeiro lugar entre os países da CEE, no que diz respeito a morte prematura.

Quanto à mortalidade materna, Portugal baixou da taxa de 30 por cem mil, em 1979, para 6,6 em 1988, constituindo as complicações de aborto, hemorragia pós parto e pré-eclampsia, as principais causas de morte.

MORTE INFANTIL: ESTAGNADA ENTRE 87 E 89

No que toca à mortalidade infantil, «mantém-se a tendência decrescente para o continente. Os números revelam que no período que medeia 1985 e 89, esta taxa baixou de 17,6 para 12,0 por mil nados-vivos, enquanto no distrito de Braga, mantinha-se, no último ano de estatística, situada nos 15,0, não se verificando qualquer melhoria entre 1987 e 1989. Neste quinquénio, a mortalidade pós-neonatal baixou, no conti-

nente de 5,6 para 4,1, enquanto no distrito de Braga, baixou de 6,7 para 4,4.

As principais causas de morte no distrito, em 1989, tendo em linha de conta a inclusão de taxas padronizadas pela idade e excluindo doenças do aparelho circulatório, fixavam-se nas doenças cérebro-vasculares, neoplasias, sinais e sintomas não definidos e doença esquémica cardíaca. Para os autores do estudo, e face aos conhecimentos adquiridos nos últimos 20 anos, «não é crível que a resolução destes pro-

blemas se faça reforçando unicamente a prestação de cuidados especializados e de alta tecnologia. Tra-ta-se, sim, de abrir uma nova era em que serão postos à disposição das pessoas através da Educação na Saúde (e não para a Saúde) os conhecimentos científicos que lhes permitam alterar o seu comportamento e estilos de vida de forma a manterem a sua saúde». Como conclusão, referem, a chave da resolução de numerosos problemas de saúde encontra-se fora do sector, sobretudo «nas mãos da população».

Fronteira entre Peso e Arbo poderá reabrir em breve

A fronteira entre Peso / S. Marcos (Melgaço) e Arbo (Espanha) poderá reabrir nos próximos tempos, caso se contretizem as aspirações de galegos e minhotos.

Num encontro realizado numa posada de Valença os autarcas das duas localidades mostraram a sua disponibilidade para a reabertura da fronteira, encerrada há quatro anos.

Entre António Solheiro e o Alcaide de Arbo existe já um compromisso que garante uma embarcação

própria para a travessia do rio Minho naquela localidade.

Segundo o Presidente da Câmara de Melgaço, «a reabertura vem beneficiar sobremaneira a economia local, possibilitando um forte incremento no comércio e no turismo, sabendo-se que Melgaço oferece condições excelentes à captação de visitantes, através da zona termal do Peso, Parque Nacional da Peneda/Gerês, da gastronomia, cultura e património».

Além disso, acrescenta o autoarca, o novo traçado

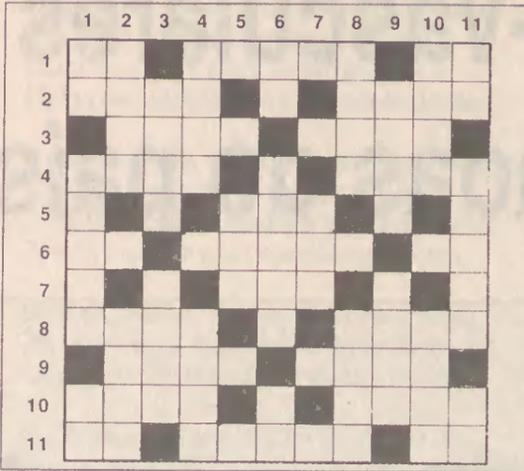
da Estrada Nacional em cujo projecto já se prevê o acesso à nova ponte internacional de Peso/Arbo, justifica ainda mais a reabertura.

Recorde-se que a Câmara de Melgaço e a sua congénere galega candidataram ao programa comunitário Interreg a construção da ponte internacional sobre o Minho na localidade de Peso / S. Marcos.

Ao encontro entre os autarcas galegos e minhotos assistiram também os governadores civis das duas regiões.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema de J. Ferraz Motta



HORIZONTAIS: 1 - Preposição; Aspas; Arguida. 2 - Moe-da italiana; Ligações. 3 - Tronco; Períodos de tempo. 4 - Re-gaço; Lavrar. 5 - Extremidade do braço. 6 - Nota musical; Bri-sas; Preposição. 7 - Caminhavas. 8 Armazém; Letra grega. 9 - Nome de homem; Instrumento de trabalho. 10 - Formação coralina; Padiola. 11 - Apelido; Gostara; Antes da nossa era.

VERTICAIS: 1 - Outra coisa; Deusa das sementeiras; Artigo. 2 - Proferido; Letra grega. 3 - Filme; Planta. 4 - Que-rido; Grande cão de fila (inv.). 5 - Muito. 6 - Malévola; Rostos; Ali. 7 - Santo (inv.). 8 - Vila moçambicana; Instrumento de ata-que. 9 - A favor de (inv.); Acto de aluar. 10 - Flor; Arma Branca. 11 - Estás; Plano inclinado; Aqui (inv.).

SOLUÇÕES:
HORIZONTAIS: 1 - Ad: Comas; Ré. 2 - Lira; Elos. 3 - Toro; Anos. 4 - Colo; Arar. 5 - Mão. 6 - Ré; Auras; Em. 7 - las. 8 - Sítio; Alia. 9 - Omar; Gra. 10 - Atol; Mace. 11 - Sá; Amara; Ac.
VERTICAIS: 1 - Al; Ceres; As. 2 - Ditto; Iota. 3 - Rolo; Olmo. 4 - Caro; Oala. 5 - Mul. 6 - Mú; Caras; Lá. 7 - Oas. 8 - Sena; Arma. 9 - Lorp; Alua. 10 - Rosa; Faca. 11 - Es; Rampa; Ac.

Centro de Covide muito visitado

Verão, tempo de férias e de lazer. Este Verão o Centro de Artesanato foi visitado por muita gente, uns em visitas de estudo, outros que gostam de ver e apreciar as várias peças produzidas pelos Artesãos, com a matéria-prima local.

Aí tem possibilidades de ver todas as fases da produção até ao produto acabado, podem escolher, comprar e fazer as suas encomendas. Foi um tempo bastante bom e de grande divulgação para o Artesanato, superior aos anos transactos em termos de maior número de visitantes, muitas encomendas, etc.

O Centro de Formação de Artesanato está aberto e recebe todos que por aí queiram passar. Está também aberto para dar Formação na área do Artesanato a quem desejar, as condições serão explicadas aos interessados que para isso podem dirigir-se ao Centro.

O Centro de Artesanato funciona com postos de trabalho em Covide e Carvalheira, dá apoio ao grupo de Artesãos de Cibões, tem uma exposição em S. Bento da Porta Aberta e faz intercâmbios com vários grupos doutras zonas.

Esteve presente nas Jornadas do Artesanato Português realizadas em Barcelos. Durante o verão há sempre maior intensidade em exposição: o Artesanato esteve presente em Monção, em Lisboa na E.I.A. em Vila do Conde e em Barcelos.



Teve também através do Turismo exposições no Gerês, em Vila Praia de Âncora em Lisboa, etc. Dos vários grupos de estrangeiros que por cá passam, destacamos um grupo de senhoras chinesas acompanhadas pela Presidente Nacional da Comissão para a igualdade de direitos das mulheres e outros elementos da Comissão.

O grupo das chinesas era composto por 3 senhoras, entre elas a Presidente da Federação das mulheres chinesas, estas senhoras mostraram muito interesse e quiseram saber toda a história do Artesanato, da matéria-prima, da vida dos Artesãos, etc..

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR
 CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PENHORES

Praça do Comércio, 102 a 106
 Telefone 993176 • 4720 AMARES

JORGE GONÇALVES

SEGUROS

ESCRITÓRIOS:

EXPOSTO COMERCIAL - LOJA 8, R/C
 FERREIROS — 4720 AMARES
 TELEFONE 993275



SERRALHARIA CRUZ
 DE
SILVA & CARVALHO, LDA.

Telefs. 993489 — (Res.) 992613 • FEIRA NOVA — 4720 AMARES

CAIXILHARIA EM ALUMÍNIO ANODIZADO • ESTRUTURAS EM FERRO



AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.

VIAGENS • VISTOS • FÉRIAS • EXCURSÕES
 PASSAPORTES EM 24 HORAS
 ALUGUER DE AUTOCARROS E AUTOMÓVEIS
 COM OU SEM CONDUTOR

Praça do Comércio, 96 - FEIRA NOVA
 Telef. (053) 993495 - FAX (053) 993573 - 4720 AMARES

«Ratos» em Figueiredo

A Drogaria Martins foi assaltada, por duas vezes num curto espaço de tempo, supondo-se que pelo mesmo «ratinho».

Este, muito jovem ainda (!) e residente naquela freguesia, foi surpreendido, em flagrante, pelo proprietário do estabelecimento assaltado.

REUNIÃO DE CURSO

Os alunos do Curso de 1941 - 53, do Seminário Arquidiocesano de Braga, reuniram-se em Sala-

manca (Espanha), nos dias 4 e 5 de Outubro, para comemorarem o meio século decorrido sobre a sua entrada naquele Estabelecimento de Ensino.

Presidiu, a todos os actos da Reunião, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, sempre acompanhado pelo condiscípulo Dr. Pimenta de Almeida, licenciado em Direito pela Universidade de Salamanca e principal organizador da referida Reunião.

Entre os participantes, que ultrapassaram a centena, estiveram presentes o Rev.º Pároco de Amares e Figueiredo, e o condiscípulo Cap. Araújo e esposa.



FÁBRICA DE FATOS CASACOS CALÇAS



de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
 MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
 TELEX 32288 FACHO

DESDE A ADESAO À CEE

Agricultores portugueses abandonaram 4,5 milhões de hectares com vinha

Os agricultores portugueses abandonaram 4,5 milhões de hectares de terras cultivadas com vinhas, desde a adesão de Portugal à CEE, revelam estatísticas do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas (IFADAP).

O total dos prémios concedidos, a fundo perdido pela Comunidade e pelo Estado Português, para os agricultores abandonarem a cultura da vinha, desde que Portugal aderiu à CEE até Agosto deste ano, atingiu 3,2 milhões de contos, dos quais mais de dois terços (70 por cento) foram atribuídos à região do Ribatejo e Oeste.

A Comunidade Europeia, através do FEOGA, a Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola,

concedeu prémios no valor global de 2,4 milhões de contos, enquanto o Estado Português participou com 817 mil contos.

O Ribatejo e Oeste é a região portuguesa onde se regista o maior abandono de vinhedos, 2,6 milhões de hectares, seguindo-se a Beira Litoral com 598,8 mil hectares e a Beira Interior com 434,4 mil hectares.

De acordo com dados do IFADAP, foram aprovados 926 projectos para reestruturação da vinha, desde 1989 até Agosto último, correspondendo a um investimento global de 2,7 milhões de contos e a uma área de 2,1 milhões de hectares.

O subsídio total, a fundo perdido, ascendeu, no período em apreço, a cerca de 1,5 milhões de contos

(comparticipação nacional e comunitária).

Nos primeiros oito meses deste ano, foram aprovados 445 projectos para reestruturação da vinha, envolvendo um investimento de cerca de 1,3 milhões de contos, dos quais 57 por cento corresponderam a subsídios suportados pelo Estado Português e pela Comunidade Europeia.

A área de vinha reestruturação atingiu, naquele período, 1,04 milhões de hectares contra 1,09 milhões de 1989 a 1990.

O Ribatejo e Oeste, a Beira Litoral e Trás-os-Montes são as principais regiões do Continente Português com maior área de vinha reestruturada.

Vindima de 91 permitirá produção superior à do ano passado



Portugal terá este ano uma colheita idêntica ou superior à registada no ano passado, se até à época das vindimas não se verificarem condições climáticas desfavoráveis, de acordo com responsáveis do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV).

Segundo o IVV, prevê-se para este ano valores de produção que oscilam entre os 10 milhões de hectolitros de vinho.

Com uma área de vinha de 382 mil hectares, Portugal registou em 1990 um montante de produção de 10,2 milhões de hectolitros de vinho, valor que, na década de 80, só se verificou em 1980 e 1987.

Estes valores permitem-lhe continuar a colocar-se entre os seis maiores produtores mundiais de vinho, cabendo ao vinho engarrafado a maior parcela das exportações vinícolas portuguesas.

Portugal exportou, em 1989, 1,1 milhões de hectolitros de vinho engarrafado contra 493 mil hectolitros a granel, tendo como principais importadores os Estados Unidos, a

CEE e o Canadá.

Nos últimos cinco anos produziram-se, em média 2,8 milhões de hectolitros de vinho branco, 4,3 de tinto, 700 mil hectolitros de licorosos e generosos e 97 mil de outros tipos, tendo-se registado, também uma maior aproximação do sector cooperativo ao privado.

Assim, os valores médios anuais de produção de vinho no último quinquénio estão bem próximos: 3,6 milhões de hectolitros para as cooperativas (46 por cento do total) e 4,2 milhões para os privados (cerca de 54 por cento).

Analisando a produção por regiões, verifica-se que a região com a maior área de vinha é o Ribatejo e Oeste, com cerca de 150 mil hectares, seguidas das regiões dos vinhos verdes, com 72,800 hectares, e Douro, com 32 mil.

É, no entanto, na região do Ribatejo e Oeste que se regista um rendimento máximo por hectares de vinha mais elevado.

Nesta região, o rendimento máximo oscila entre os 70 e 90 hectolitros, contra os 55, 60 e 70 hectolitros verificados nas restantes Regiões vitivinícolas portuguesas, à excepção das regiões do Douro, Dão, Madeira e vinhos verdes, para as quais o IVV não define qualquer rendimento.

Parece ser, assim, a região do Ribatejo e Oeste a responsável pela maior parcela da produção nacional, ficando no entanto, um pouco aquém na qualidade, facto que se pode atribuir ao crescimento desordenado das produções e ao desconhecimento das vitivinicultores relativamente à utilização das castas.

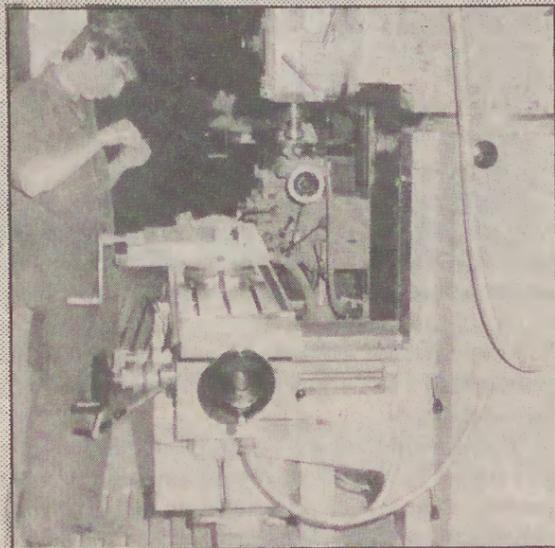
Por essa razão, foram recentemente criadas novas regiões demarcadas de vinho de qualidade que abrangem as produções dos concelhos de Almeirim, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Santarém, Tomar, Arruda, Alenquer, Torres, Encosta de Aire, Alcobaca e Óbidos.

Com mais estas 12, perfaz-se um total de 41 regiões demarcadas para a criação de potenciais vinhos de qualidade, cabendo às comissões vitivinícolas regionais (CVR) a função de vigiar a qualidade dos vinhos criados nessas regiões.

Considerados tradicionalmente vinhos de qualidade, produzidos no Norte de Portugal e no arquipélago da Madeira, os vinhos do Porto, Madeira e Verdes são parte da história de vitivinicultura portuguesa.

Estas novas regiões demarcadas de vinho de qualidade surgem, segundo fontes ligadas ao sector vitivinícola, como forma de apostar na qualidade e de aumentar as exportações portuguesas.

Centros do Minho registam 23 mil à procura de emprego



A região minhota regista actualmente 23 mil pessoas à procura do primeiro ou de novo emprego — revelam dados oficiais divulgados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional recentemente.

De acordo com os mesmos dados do IEFP, do total de desempregados 17 mil e 900 estão inscritos nos centros de emprego do distrito de Braga, enquanto no distrito de Viana o total de registos ultrapassa os cinco mil.

No Minho, o Centro de Emprego com maior número de registos é o de Braga, seguindo-se Guimarães e Viana do Castelo.

No distrito de Braga, o total de pessoas à procura do primeiro emprego é de 14 mil — sendo em Viana na ordem dos 4 mil.

No que diz respeito às pessoas que buscam um novo emprego, os dados oficiais indicam cerca de 4 mil e 300 em Braga na área do Alto Minho.

Tanto em Braga como no distrito de Viana os números respeitantes a mulheres são os mais elevados.

Comparativamente — e segundo o delegado no Porto do IEFP — os distritos apresentam uma situação inversa em relação à taxa média nacional.

O número de desempregados inscritos nos centros de emprego diminuiu 3 por cento entre Abril e Maio de 1991, situando-se pelo segundo mês consecutivo abaixo dos 300.000, segundo os dados oficiais divulgados pelo IEFP.

Os dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) apontam para um total de 288.906 desempregados registados em Maio deste ano, ou seja, menos 3 por cento do que no mês anterior e menos 6 por cento do que em Maio de 1990.

Esta diminuição, segundo os dados oficiais, fez-se sentir particularmente no sexo feminino, com descidas de 3,9 e 8,7 por cento relativamente a Abril deste ano e Maio do ano passado, respectivamente.

Em Março o desemprego atingiu 301.092 indivíduos, em Abril 297.919 e em Maio 288.906, o que, segundo o IEFP, revela a manutenção de uma tendência geral de descida.

O desemprego registado diminuiu em todas as regiões do continente, apresentando quebras significativas no Alentejo e Algarve, regiões onde nesta época do ano as actividades sazonais ocupam um número significativo de trabalhadores.

Por outro lado, a oferta de emprego por satisfazer era no final de Maio era de 8.816, valor superior aos verificados nos últimos meses mas que se mantém a um nível inferior aos observado no mesmo período de 1990.

O número de pedidos de emprego a aguardar satisfação em Maio era de 307.970, dos quais 288.906 pertenciam a trabalhadores desempregados, 11.363 a empregados que pretendiam mudar de emprego e 7.428 a trabalhadores ocupados mas sem emprego.

LEIA

ASSINE

E DIVULGUE

A VOZ DA ABADIA

Pensão
UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286

4720 AMARES

INAUGURADA EM AGOSTO

Casa da Pedra — a qualidade do rústico

Foi inaugurada em Agosto em S. Vicente do Bico — Amares, um novo complexo turístico, denominado «Casa da Pedra».

Propriedade de quatro sócios, de origem brasileira, este empreendimento «representa uma aposta na qualidade, motivo suficiente para atrair até aqui um vasto público».

A «Casa da pedra» envolve verbas da ordem dos 130 mil contos e compreende uma vasta área de restauração e lazer, para além da «bela panorâmica da localidade».

Trata-se de uma casa senhorial, típica dos finais do século XVIII, restaurada agora, apenas no que diz respeito à renovação dos materiais nobres da sua construção — madeira e pedra.

O aspecto rústico de origem mantém-se em todos os compartimentos do complexo, ao qual foram acrescentadas, no entanto, algumas inovações: cozinha totalmente mecanizada, coordenação de serviços por circuito de telefonia, computadorização de registos ao longo de todo o espaço, entre outros.

Segundo Sérgio Costa, «vai ser possível sentar nos vários espaços da casa cerca de 700 pessoas, e para tal tivemos o cuidado de que o façam com conforto».

Seguindo a traça original, espalhados por cerca de 2.500 metros quadrados, encontram-se várias estruturas diferentes. Os dois blocos principais são a casa, propriamente dita, e o alpendre.

A casa alberga um grande salão, para 220 pessoas sentadas, uma varanda, para mais de 60 pessoas, e um pequeno bar rústico. Tudo isto no piso superior.

O rés-do-chão compreende dois salões de restaurante, a cozinha e área de serviço, para além dos sanitários, cuidadosamente incorporados na arquitectura e suficientemente grandes «para não haver bicha».

O restaurante terá um «serviço Vip», com espaço para 90 pessoas sentadas. Diz Sérgio Costa que estas valências serão preenchidas com grupos organizados, que podem passar pelos serviços de casamento ou outra cerimónia qualquer e mesmo excursões de turistas.

Por falar em turismo, aquele responsável referiu a importância que o parque Nacional do Gerês pode ter para o empreendimento, dado que uma das vias de acesso passa junto à «Casa da Pedra».

O facto de se situar a 10 Km de Braga pode atrair para lá o público que prefere fugir ao ambiente citadino e apreciar o rústico de uma habitação antiga e um serviço de qualidade.

Para além da casa-mãe, o alpendre recuperado congrega um «night-club», um serviço de bar «vip» e uma eira, destinada a espectáculos ocasionais.

No piso superior está instalado mais outro bar e um salão de espectáculos.

No espaço exterior está instalada uma churrasqueira, um local mais popular com 120 lugares sentados ao ar-livre.

Um parque de estacionamento para 200 veículos e zonas verdes completam a «Casa da Pedra». Será inaugurada amanhã, às 20h00, embora encerre novamente, durante uma semana, para «rematar pormenores e preparar uma abertura ao público a 100%».

Sérgio Costa fez questão de frisar o bom entendimento com a Câmara de Amares, entidade que «tem colaborado o possível no projecto».

Em relação à concorrência, o mesmo sócio garante que foi a sua ausência que os levou a optar por este tipo de empreendimento e por este local. Diz Sérgio Costa, «não existe nada do género por esta região e a nossa qualidade de serviço vai provar isso mesmo».

«Casa da Pedra», em Vila Meã de Baixo — S. Vicente do Bico.

Prevenir a Gripe

A gripe é uma doença contagiosa, causada pelo vírus influenza, capaz de infectar em poucas semanas 30 a 40 por cento duma população e até causar a morte, directa ou indirectamente.

Em anos «não epidémicos», calcula-se que entre cinco a dez por cento da população geral poderá ser afectada pela gripe, sendo os grupos mais atingidos por esta doença «inofensiva» os doentes crónicos e os idosos.

Não tendo um tratamento eficaz, só a prevenção pode evitar a doença. E, neste caso, a prevenção é a vacina anti-gripal, única profilaxia que já demonstrou ter êxito no controlo da gripe.

Estudos clínicos permitem concluir que 80 por cento das pessoas vacinadas adquirem imunidade oito a dez dias após a vacinação e as restantes, que não tendo adquirido essa imunidade, apenas sofrerão uma manifestação fruste da doença.

Em Portugal, apesar de se assistir a uma crescente sensibilização para a necessidade de protecção contra a gripe, o número de pessoas vacinadas é ainda relativamente baixo.

Em França, por exemplo, mais de 55 por cento dos onze milhões de indivíduos que constituem os grupos de alto risco recorrem à vacinação, ao passo que, no nosso país, esse número se aproximava apenas dos 25 por cento em 1990 para dois milhões de portugueses que se incluem nesse grupo.

Para os responsáveis da

Duphar, um dos laboratórios que produz e fornece anualmente as vacinas anti-gripais, o objectivo é aumentar significativa a percentagem de vacinação da população portuguesa de alto risco.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a vacinação deve ser feita anualmente, no início de cada Outono, por que o vírus da gripe pode variar do ano para ano. Por isso, habitualmente mudam também as estirpes que compõem a vacina.

Para a época 1991/92 e seguindo as recomendações da OMS, os laboratórios Duphar colocarão no mercado português a vacina Influvac S, em cuja composição se integram as estirpes Singapura e Beijing, do tipo A, e Yamagata, do tipo B.

UMA DOENÇA INOFENSIVA QUE PODE MATAR

Durante anos, no passado, atribuíam-se à influenza (influenza) dos astros a responsabilidade duma doença que hoje sabemos tratar-se da gripe. Em 1893, quando se identificou o vírus causador da gripe, os investigadores designaram-no por Influenza.

Não se devendo confundir com as vulgares constipações, embora os sintomas das duas doenças se possam assemelhar, a gripe é uma perturbação aguda que pode evoluir para a cura em cerca de sete dias nos casos não complicados e em adultos saudáveis.

Contudo, existe sempre o perigo de sobrevirem

complicações clínicas sérias, desde a «astenia pós gripal» à encefalite, miocardite, pneumonia ou outros problemas respiratórios.

A gripe ocorre normalmente durante o Inverno, por surtos, com extensão e gravidade variáveis, provocando um aumento brusco da taxa da doença, traduzida no elevado absentismo laboral nesse período do ano, que atinge cerca de 25 por cento da população activa.

E, porque é uma doença altamente contagiosa, com uma percentagem elevada de mortalidade, a OMS insiste na necessidade de vacinação anual, especialmente para os grupos de alto risco.

Segundo o Departamento Central de Estatística da Holanda, durante o Inverno de 1989, ano em que ocorreu a última epidemia gripal que afectou toda a Europa, o número de mortes diárias na Holanda cresceu de 370, em Dezembro, para 500, em Janeiro, coincidindo com o período de maior incidência da gripe (em dois meses, o número de mortes ultrapassou as quatro mil).

Embora não se conheçam números exactos em relação à doença por não ser considerada de declaração obrigatória em Portugal, no início de 1990 as urgências hospitalares sofreram um súbito acréscimo de doentes e os «stocks» de vacinas anti-gripais esgotaram-se nas farmácias, tendo-se vendido mais de 300 mil unidades em apenas dois meses.

Nem sempre a mortalidade se pode atribuir directamente à gripe, mas sim a

complicações provocadas por esta doença. Mas, se a gripe não é frequentemente a causa única que leva à morte, é, pelo menos, determinante.

AS COMPLICAÇÕES DA GRIPE

A gravidade que a doença pode alcançar, podendo contagiar em bloco toda a comunidade em apenas 14 dias, leva a que a gripe seja hoje considerada um perigo real e um importante problema para a saúde pública.

Desde 1918-19, data de uma das maiores pandemias gripais do nosso século, as epidemias globais ou pandemias têm ocorrido entre cada dez a quinze anos, verificando-se surtos gripais praticamente todos os anos.

Como complicação mais comum, surge sobretudo a pneumonia, que pode ocorrer na sequência de uma gripe agravada, por via de uma infecção bacteriana posterior.

Os grupos mais vulneráveis às complicações da gripe são os idosos e os doentes de alto risco — cardíacos, brônquicos e diabéticos — e também as grávidas e as crianças.

As grávidas estão particularmente em risco no último trimestre de gestação, podendo ocorrer complicações pulmonares e, eventualmente, a morte do feto. As crianças que forem sujeitas à gripe contraída pelas mães durante a gravidez têm uma taxa de mortalidade neonatal e de prematuridade aumentadas.

(De: LPM - Comunicação)

A FECHAR

Os pais e a escola

Particpei recentemente, como Pai, numa reunião de pais da turma de um dos meus filhos. Éramos 10 dos 18 pais esperados. Nem mais nem menos! A reunião, convocada atempadamente para horário pós-laboral, foi como disse muito pouco participada. É uma constante, neste tipo de reuniões, a fraca participação dos Pais. Os Directores de turma por maior que seja o seu empenhamento e vontade de melhorar a qualidade dialógica nas escolas, não podem fazer muito se os Pais, não participarem activa e conscientemente na educação dos filhos. A escola não cumpre, porque não pode, a sua missão educadora. Vai fazendo o que entende, às vezes com muita boa vontade, mas, porque os Pais estão ausentes, sempre de modo incompleto.

É tempo de todos os Pais entenderem que a Escola não é e não pode continuar a ser uma arrecadação segura para os filhos! Os professores também não são donos ou domadores de crianças. São educadores que só podem, de facto, sê-lo se os Pais com eles quiserem colaborar. No

fundo, as crianças e jovens, são o Centro da escola por isso os pais têm a obrigação de participarem nas actividades escolares que lhes dizem respeito. Só, deste modo, se podem ajudar os filhos a crescer humanamente.

Ninguém se deve dispensar de actuar positivamente na vida da escola. A lei prevê e ainda bem, o modo de os Pais intervirem na escola. E dá-lhes um campo muito grande. Urge, pois, que todos os Pais tomem a peito e a sério a sua função de «primeiros e principais educadores».

Permita-se-me um desabafo: não sei se muitos Pais só se assumem como «fazedores» de meninos e que o acabamento da obra iniciada já não é com eles!...

«Fazer meninos» responsabilmente é assumir a tarefa de os educar. E a missão de educar não termina à porta da escola. Continua nesta com a colaboração indispensável dos Pais.

Carlos Aguiar Gomes